A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 75 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Gomes da Costa

Chefe do governo militar, que concentrou em si todos os poderes do Estado· Um homem que quere salvar o paiz e hoje representa a ansia de seis milhões de portugueses em encontrarem definitivamente o caminho do progresso.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 20 DE JUNHO DE 1926 — N.º 75

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 19—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

O riso triste

Ha paizes, como a Alemanha, onde as coisas oficiais têm o ar e o ritmo das cerimonias religiosas. Ha cidades, como Madrid, onde os exercitos que marcham para a guerra dizem «piropos» para as mulheres que os vêm passar. A rir, ou sisudos, todos esses paizes do mundo encaram duma maneira superior a sua vida e as suas necessidades de existencia.

Em Portugal, o «chiste» tem outro aspecto. Nós achincalhamos, ridicularisamos com veneno, caricaturamos a sangue.

O nosso riso é triste e doente.

A «blague» de café é doentia e fétida.

O gesto mais nobre, mais heroico, mais audacioso—merece-nos um trocadilho cómodo e deprimente, que pesa como uma «duche» de agua fria na convicção mais sincera. Nesse genero de comentarios somos verdadeiramente geniais.

Toda a nossa historia—se escreve sobre anedotas, e sobre cada revolução, sobre cada situação, sobre a viagem aerea de Coutinho e Cabral, como sobre o Angola e Metropole, nós fizemos absurdos «calembourgs», que arrefeceram o entusiasmo duma como o desprezo de outro.

Não resisto a contar-lhes um caso unico, que vem a proposito sobre as «blagues» já lançadas em torno do general Gomes da Costa e do comandante Cabeçadas, nestes dias incertos e historicos que vimos vivendo—«blagues», que nós, um jornal pitoresco e alegre, não reproduzimos.

Estava-se no dia seguinte á noite horrivel e sangrenta do 19 de Outubro—um momento tragico. Na redacção dum jornal onde então trabalhavamos, e que bem ameaçado andava, discutia-se, com as janelas cerradas, e sob o barulho das tropas na rua, o tamanho com que havia de sair certo retrato do infeliz Antonio Granjo.

Alguem da gazeta, visivelmennte impressionado com as mortes dessa madrugada, saiu-se ainda com esta:

—Oh! homem, deste tamanho fica bem. Que diabo, já fica um «granjolão...»

Um abuso

Sobre este titulo fizemos domingo passado referencia ao facto da companhia «Tinoca» ter abusivamente usado para seu reclame duns cartazes que não eram sua pertença, mas sim dos varios artistas seus autores. O presidente do juri do concurso dos cartazes, que nada tem que ver com o assunto em questão, que é entre a companhia Tinoca e os autores dos cartazes abusivamente utilisados, veio aos jornais falar sobre o assunto. Citou dois outros membros do juri, srs. Ezequiel Pereira e Antonio do Couto. Aproveitamos o ensejo de prestar os nossos respeitos a esses dois artistas que nada têm que vêr, decerto, com as expoliações de que foram vitimas alguns dos seus camaradas.

CONSCIENCIA

Queria um fauteuil Luiz XV, mas autentico...
—Autentico? agora não tenho em armazem, é preciso mandar-se fazer...

Má lingua

HISTORIA PARA CREANÇAS

Era uma vez um moiro distrahido
que ia certa manhã por uma matta
nas suas maluqueiras embebido
e levando um burrinho pela arreata.

Ia tão absorvido, a meditar
Deus sabe em que doiradas illusões,
que nem deu pelo brando approximar
de uma quadrilha.... só de dois ladrões.

Vendo estes que afinal é fraco e pobre
o caminhante que suppunham rico,
lógo um delles o methodo descobre
de aproveitar-lhe o fraco... e o gerico;

desprendeu este e deu-o ao companheiro
que o captou com tres cascas de tremoço,
(tudo isto sempre a andar...); e elle, matreiro,
com a arreata se atou pelo pescoço.

Parou só mais d'ahi por um bocado;
então virou-se o moiro, erguendo a canno,
estacou, silencioso, atarantado
ao ver que o burro era pessôa humana....

«Mas que é isto, prophetas do Alcorão!?...»
—berrou o conterraneo de Abd-el-Krim...
E a tal pergunta o perfido ladrão
com arte e manha respondeu assim:—

—«Sou filho novo de uma mãe velhinha
a quem mato de angustia e de canceira;
dei-lhe trez bofetadas quando vinha
—ha muitos annos!—com uma bebedeira.

O poder sempre justo do Propheta
esse gesto infernal não perdoou,
e por força de lei do que decreta
em burro dos mais burros me tornou.

Agora a minha mãe, compadecida,
já com certeza me perdôa e chama;
acha bastante a pena já soffrida
e de novo ao propheta me reclama!»...

Curva-se o moiro, e beija o chão que trilha;
e esmurra o peito num clamor devôto;
e põe em liberdade a «maravilha»;
e clama; e crê nesse prodigio ignoto;

esfalfa-se correndo a bom correr,
chega a casa tremendo do milagre,
e desmaia nos braços da mulher
que lhe besunta as fontes com vinagre.

*
* *

Dias depois, ao moiro atormentado
que da impressão até ficou mais magro,
diz a mulher que vá a um tal mercado
e lá compre, barato um novo onagro.

Foi. [Que nem elle á moira resistia.
Era só distrahido. Não casmurro...]
E mal chegado no romper do dia
lá deu de cara com o seu proprio burro!

Então comprehendeu que foi logrado
—dirão «vocencias»... longe da verdade.
Chegou-se ao pé da besta, e torvo, irado,
berrou-lhe na maior vivacidade:

«—Miseravel! Ladrão! Recomeçaste!?
E's tão bandido, tão avesso ao bem
que outra vez,—perro vil!—te embebedaste
chegando a roupa ao pello á tua mãe!—»

O burro nada disse; o burro é esperto
não responde ao insulto ou á chibata;
mas pensou,—(porque pensam; isso, é certo,)
qual dos dois merecia uma arreata.

. . . .

E eu que ás creanças, sem engenho ou arte,
conto aqui, este conto mal contado,
aponto ao menos a primeira parte
a quem nas leis olympicas de Marte
parece mais maior que vacinado...

TAÇO

OS ACONTECIMENTOS

No grande momento da indecisão o chefe esquerdista José Domingos dos Santos e os jornalistas Artur Portela e Eduardo de Sousa, á saida do quartel do Carmo, onde aquele foi oferecer os seus prestimos.

O grande quartel general, inpenetravel. Foi com estes recrutas portuguêses, humildes e disciplinados, que o exercito contou para fazer valer os seus pontos de vista.

ECOS

A caça á multa

O que se está passando em Lisboa, em materia de multas, excede tudo quanto a antiga musa canta. E' uma coisa vergonhosa e que brada aos ceus.

Ha dias—conta o «Seculo»—um empregado bancario, pessoa de respeito e categoria, apanhou com uma bola de «foot-ball» com que os garotos jogavam, em plena rua. Pois foi autuado por jogar á bola!

Ontem uma creança cuspiu para a rua, sem sujar ninguem, e um policia bateu logo á porta e obrigou a familia a pagar uma multa.

Um veterinario a quem foram deixar, para analisar, um cão, pagou uma multa, tambem ontem, por não ter a respectiva licença em seu poder!

O vexame dos excessos de velocidade é contínuo—podendo dizer-se que não ha um «chauffeur» em Lisboa que não tenha sido multado. Quererá o novo governo pôr isto na ordem?

Com vista á Camara—com vista ao Governo

Uma exploração torpe da Companhia Carris.

Sabemos que alguns Srs. vereadores lêm o «Domingo». A' sua sanção apontamos mais este roubo feito ao publico pela Companhia Carris, roubo que têm a obrigação de evitar.

Ao domingo, por motivo dos jogos de «foot-ball» e outras diversões, desloca-se muita gente para o Campo Grande. A Carris envia para ali muitos carros e faz bom negocio. Simplesmente faz tambem a seguinte falcatrua, explorando ignobilmente o publico: coloca nos carros a bandeira de Lumiar. O publico sai, em massa, do «Stadium» ou do «Sporting», e entra nos carros—mas é obrigado a ir ao Lumiar, pagar mais duas zonas.

Os poucos carros com a taboleta de Campo Grande ficam colocados ao fim do Campo, de forma que o publico vem seguindo pela alameda, á sua procura, e vem tomá-los onde os encontra, isto é, é obrigado a pagar mais uma zona, e ainda anda a pé!

Quando se decidirá a Camara a não se deixar vender por meia duzia de passes, e a punir pelos seus contínuos roubos ao publico essa agremiação que dia a dia provoca o povo, sem respeito por leis e acima de regulamentos?

No passado domingo, por momentos estiveram dois carros condenados a ser estilhaçados—e devemos confessar que o publico tinha inteira razão. A' violencia responde-se com a violencia.

Bem basta o preço-vigario dos bilhetes, que tendo baixado a libra a 100 escudos, a Carris vende pelo preço da autorisação concedida para a libra a 150 escudos.

Junte-se a isto o outro formidavel vigario dos ascensores, a eliminação dos carros-populares, a falta de carros nas linhas de zonas maiores, a má creação do pessoal, os incomodos que o publico sofre, sem uma unica estação de espera coberta,—e ter-se há o quadro da odienta exploração, que circula livremente nas ruas, roubando o publico desde manhã até á noite.

Seria bom que os grandes jornais diarios olhassem estas questões de verdadeiro interesse publico—embora para isso sacrificassem um pouco os seus proprios interesses.

O TRANSITO

—Parece-me que falei cedo de mais quando escrevi nesta carta que estou de excelente saude...

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA...

Amor impossivel ou gargarejo fatal

Sobre o eterno tema do namoro, diz-nos, com a sua costumada ironia, as maiores fantasias, Augusto Cunha.

O namoro sobre a forma de gargarejo tem por vezes os seus aspectos tragicos. A historia tem registado nas suas paginas inumeras vitimas deste exercicio amoroso.

O caso aqui relatado é dos mais impressionantes, não só pelas suas terriveis consequencias, como tambem pelo ambiente em que se desenrolou.

Amancio Calado era um rapaz bem parecido, bem posto e comercialmente bem colocado. Muito estimado na praça, todos lhe auguravam um explendido futuro. E merecia-o. Era o que se pode chamar uma joia de rapaz. Só tinha um defeito, se defeito se lhe podia chamar. Era muito atiradiço. O seu divertimento, o seu sport, a sua unica distracção, era namorar. Era o seu vicio. E foi ele, foi esse vicio terrivel que o levou á sepultura.

Era vulgar ter um, dois, tres namoros ao mesmo tempo. E a forma de namorar que preferia era a forma classica do gargarejo. O namoro por escrito, o namoro de cinema, o chamado namoro do silencio, não o estusiasmavam. Só o namoro de gargarejo, de nariz no ar, mãos em porta voz, e a pé firme durante umas poucas de horas, lhe enchia as medidas. Mas certo dia uma grave complicação surgiu. Amancio, muito acabrunhado, veiu procurar-me e pedirme um conselho, uma solução para o seu caso.

Um dos processos ainda inéditos para namoro seria a telegrafia sem fios...

Tinha começado o namoro com uma rapariga muito interessante, mas que por fatalidade tinha tido a triste ideia de ir morar para um sexto andar, altissimo. Era um 6.º que parecia um 8.º. E por mais esforços que fizessem, um e outro, por mais que se esganiçassem, não conseguiam trocar uma silaba, entender uma palavra.

Apesar de não ser especialista no genero, lembrei varios expedientes a adoptar, varios meios tendentes a modificar tão lamentavel estado de coisas. Assim, lembrei o porta-voz, o telefone, a telegrafia sem fios, os sinais luminosos; mas a todos esses processos o meu amigo pôz as suas objecções, de facto irrespondiveis. A pequena não tinha telefone, nem porta-voz na escada, e os sinais luminosos dariam nas vistas da paternidade. E quanto a telegrafia, confessou-me tambem o Calado que não possuia as indispensaveis antenas.

Só restava, portanto, o processo natural das cordas vocais; mas para uma altitude daquelas, nem com a espessura das cordas dum moço de fretes seriam suficientes.

Tive então uma ideia, que me pareceu genial.

—Porque não contrata você o Romão Gonçalves?

Ele olhou-me esperançado, mas pôz logo esta objecção, que me não ocorrêra:

—E ela? Não me diria nada? Seria eu só a falar! Isso, não.

Pensei que efectivamente, na impossibilidade de conseguir que o conhecido tenor se multiplicasse, fazendo os dois papeis, o dela e o dele, subindo ao 6.º andar e descendo á rua, conforme a frase viesse de cima ou partisse de baixo, este meio não era tambem adoptavel. Amancio ficou silencioso. Eu, desanimado e sem me lembrar do seu apelido, disse-lhe então:

—Pois meu caro, não vejo remedio algum e parece-me que neste caso o calado será o melhor.

Ele ia protestar, supondo a frase intencional, mas nesse momento, verdadeiramente historico, eu tive uma daquelas ideias, que sem a menor hesitação classifiquei logo de sublime. Hoje mudei de opinião. Na verdade, á primeira vista parecia. Mas é bem certo que as aparencias iludem. Contudo, só na pratica podiam apreciar-se os efeitos do meu processo. E a experiencia fez-se.

A meu conselho e sob as minhas indicações, Amancio fez um abaixo assinado, especie de petição, a todas as vizinhas do predio, expondo-lhe a sua situação critica e apelando com frases eloquentes para os seus piedosos sentimentos, para as suas belas almas, e pedindo por fim o auxilio de todas, naquele doloroso transe. E depois de varias «démarches», sábia e diplomaticamente encaminhadas, conseguiu que todas elas acedessem a vir á mesma hora, a identicas janelas das suas respectivas casas. E assim, desde o 1.º andar até ao 6.º, colocadas as vizinhas na mesma direcção, poude emfim o meu radiante amigo conseguir que as suas frases ternas, passando de bôca em bôca, subissem até ao balcão da sua amada, cujas frases pelo mesmo processo vinham tambem até junto dele. O efeito, para quem estava de fóra, era interessante; as frases subiam assim por aquelas varias étapes com uma velocidade que variava segundo a natural curiosidade das amaveis colaboradoras do meu amigo. Ele perguntava, por exemplo, á visinha do 1.º ancar: «*Onde vais hoje?* E esta á do segundo»: *Onde vais hoje?* E esta á do 3.º etc., e a resposta vinha breve, de boca em boca: *Vou ao Condes, vou ao Condes, vou ao Condes...*

Muitas vezes parei na rua onde o Amancio puzera em pratica este sistema e devo declarar que o efeito era surpreendente. A trajectoria de cada frase era marcada pelo movimento das cabeças, de andar para andar, e por vezes, não sei porquê, recordavam-me aquelas carroças que estão a descarregar melões ás portas das leitarias. Porque as frases amorosas do Calado, de boca em boca, passavam os mesmos tratos dos melões, de mão em mão.

Mas em breve começaram a surgir os inconvenientes do sistema que sob tão bons auspicios se tinha apresentado.

Assim, bastava uma das vizinhas retirar-se por instantes, por qualquer motivo urgente, para a frase ficar encravada no trajecto. Por vezes, quando chegava a resposta, já o Calado dormia profundamente. Outras vezes, dada a natural tendencia feminina para exagerar, aumentando um ponto a cada conto, era vulgar as frases chegarem ao seu destino bastante deturpadas, aumentadas e mesmo adulteradas de todo.

Lembro-me de ouvir dizer ao Calado que uma noite, tendo a pequena no 6.º andar comunicado que a mãe estava um pouco adoentada, tanto lhe aumentaram a doença durante o trajecto da frase, que quando a noticia chegou á rua dava a creatura na agonia. A tal ponto, que o Calado subiu a escada comovido e foi meter por debaixo da porta do 6.º andar o seu cartão de condolencias. Póde calcular-se o efeito desta «gaffe».

Outras vezes ainda, pequenos arrufos de namorados complicavam-se e tomavam o aspecto de graves conflitos, porque cada uma das vizinhas no trajecto metia sua colherada e dava a sua opinião, como se se tratasse dum caso pessoal; e chegou certo dia a estar o predio todo em grave desordem por causa dum ligeiro mal entendido.

Uma noite, um novo inconveniente, até então inesperado e perfeitamente inedito, se apresentou.

A vizinha do 3.º andar, tendo de sair, fez-se substituir á ultima hora pela sua cozinheira. E' claro que nessa noite as frases, ao passarem no 3.º piso, mudaram completamente de aspecto.

E logo por sorte Amancio, verdadeiramente inspirado, proferiu as suas mais belas frases.

Tinha na vespera assistido no Teatro Nacional á representação de uma peça muitissimo historica e muitissimo tragica, e sob a influencia do espectaculo, que tão funda impressão lhe produzira, as suas frases nessa noite eram todas de galã de capa e espada.

De olhos languidos, ele dizia: «Sinto que hoje só de te ver te vou amar com redobrada força». A frase partiu, mas ao passar no 3.º piso sofreu profunda metamorfose e chegou assim ao 6.º «Calcula que hoje até me fizeram comer dobrada á força».

A pequena, muito admirada, perguntou muito ingenuamente: «E tu não querias?» Mas a pergunta chegou assim aos ouvidos de Calado: «Isso tambem eu queria».

E veiu a cair em cheio sobre o Amancio... que dessa vez ficou calado... definitivamente...

Amancio estranhou a frase, mas protestou: «Juro-te minha querida, que o meu amor será eterno».

A pequena, apesar de ouvir a frase um pouco modificada: «diz que o seu amor será interno», mas percebendo o engano, respondeu impressionada: «O' filho, sinto-me tão bem quando assim

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Auledo, Visconde da Relva, Menina Xó, Lolita dos Caldos, Caltar, José Reis, Nenó, Mario Freiria, Adalberto Béco, Rei Absoluto, Doentio.

DECIFRAÇÕES DO N.º 73

HORIZONTALMENTE: 1—Célere, 6—Viverá, 12—Ce, 14—Casar, 16—Si, 18—Ai!, 20—Uf!, 22—Hervinhas, 28—Ra, 29—Diana, 30—Ar, 31—Ar, 32—Al, 33—Vt, 34—Só, 35—Ao, 36—Porca, 37—Is, 38—In, 39—Ti, 40—Lhana, 41—Tifos, 42—Vá, 43—Sm, 44—Sansão, 45—Uirari, 46—Alienados.

VERTICALMENTE: 1—Cerdas, 2—La, 3—Elina, 4—Ri, 5—E e, 6—Va, 7—Id, 8—Vocal, 9—Es, 10—Aberto, 11—Airozinha, 12—Cavalitos, 13—Ar, 14—Cá, 15—Carta, 16—Silvas, 17—Sismai, 18—Antes, 19—Ia, 20—Ut, 21—Ficar, 22—Hn, 23—Rã, 24—Vó, 25—Nu, 26—Hi!, 27—Sa.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso eximio colaborador VISCONDE DA RELVA.

HORIZONTAIS: 1—ardil, 9—descer, 10—cantar, 11—lavareda, 12—mágua, 13—desconto, 15—o que não crê na existencia de Deus, 16—árvore da India Portuguesa, 17—quási sentado, 18—passe, 19—«animais», 21—desamparado, 22—no lugar posterior; 24—viajar, 26—vadio.

VERTICAIS: 1—cumpria, 2—apoquentada, 3—dignidade pontifícia, 4—correr, 5—artigo de-

fenido, 6—ignorancia, 7—lupanares, 8—pregoeiros, 14—«artérias», 15—queimada, 20—quási um arnês, 22—quadrupedes de marcha muito vagarosa, 23—quási um rio, 24—ande, 25—«letra grega».

CORREIO

DOENTIO.—Queira enviar novamente o seu problema bem desenhado em papel branco e tinta da China.

Visconde Barnabé diplomata da Republica

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

No escandalo dessa noite, no Palace, interveiu a policia, e ia havendo complicações diplomaticas.

A Bobinne, congestionada, emaranhada, tinha-se desenrolado toda...

«Com que então—bradava ela—situação fria! Canalha! Pulha! Patife!», e outras palavras cuja equivalencia é bastante ingrata—mimosearam o nosso embaixador.

Por outro lado, em Lisboa, o «ministro chic» embandeirava em arco. Mandou compar a correr as condecorações. Os maritimos foram soltos. Pescou-se á vontade sardinha.

E quando á noite o Visconde de Barnabé entrou cabisbaixo na Legação, havia um telegrama oficial de Lisboa:

Numa parede, uma fotografia representando Bernardino Machado mascarado de caçador, quando da viagem ao «front», olhava-o, triste.

O visconde abriu o telegrama:

«Mil vezes obrigado. Maritimos soltos, sardinha livre.

Ministro»

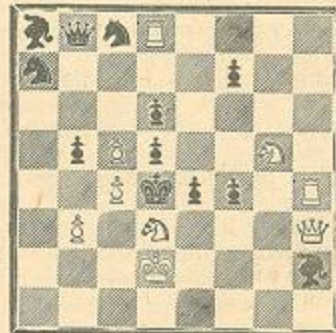
Fez-se-lhe então um clarão no cerebro! Co's demonios! Tinha trocado os bilhetes!

X

A correspondencia sobre esta secção pôde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 74

Por A. C. White

Pretas (11)

(Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 72

1 D. 6 C R

São para notar neste «Meredith» as defezas do C. preto impedindo dualidades e a posição do R branco que evita a de D, 7 T com a resposta B 5 B.

Resolveram os srs. Nunes Cardoso, Rev. Marques de Barros, Club Portuense (Porto), Rócôhó (Coimbra), Vicente Mendonça, Maximo Jordão, Sueiro da Silveira e B. Leiria.

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 8 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME

DR. FANTASMA

20 JUNHO 1926

Ilustres confrades

Em virtude da minha abalada saude me obrigar a um veraneio pela provincia, sou forçado temporariamente, a abandonar esta secção e a declinar o meu cargo por alguns mezes. Para meu substituto convidei o assiduo colaborador desta secção e meu excelente amigo Carlos Rodrigues, «*Ordigues*», que, imediatamente, se prontificou a satisfazer o meu pedido.

A minha ausencia não será longa. Alguns mezes apenas.

«*Ordigues*» substituir-me-ha com a sua reconhecida competencia e continuará a seguir as regras que estipulei para esta secção e que, segundo creio, têm sido bem recebidas por todos os colaboradores do «Moinho» a quem envio os meus agradecimentos por todas as deferencias e considerações que me têm dispensado. A «*Ordigues*», bom colega e explendido amigo os meus agradecimentos, tambem, pela bôa vontade com que satisfez o meu pedido. E... até á vista.

DR. FANTASMA

Apuramento do n.º 4 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 2 — 4 votos

QUADRO DE HONRA

D. GALENO (da T. E.), D. SIMPATICO (da T. E.), LORD DÁ NOZES, MAMEGO, MARIANITA.

Com 6 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

AULEDO, 4—AVIEIRA, 5

1—*porter*, 2—*SOLAPAR*, 3—rola-o-ão, 4—artes, 5—*boia*, 6—terricolamento.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 5 dê ORDIGUES, com 6 decifradores.

CHARADAS EM VERSO

(*A' distinta confreira* Menina Xó)

1) Era Nelly, talvez, a deusa magestosa
De muitas ilusões, sorrisos delicados
Que tivera a scismar num sonho côr de rosa
Idealisado, em vão, seis palacios dourados.

Historica *paixão*! Aspiração ditosa!—2
Urdido de ilusões, os sonhos algemados—3
No silencio fatal da vida angustiosa
Dos corações senis...dos corações mirrados.

Imaginado amôr!—castelos—num segundo
Abranger tudo e só: um verdadeiro mundo
Assim Nelly sonhara em febre quasi louca!

Humilde borboleta á beira das estradas!
Nelly é leve demais p'ra belezas sonhadas:
E' beijo côr de ouro, *extinto* em cada boca!

Dafundo — D. SIMPATICO (da T. E.)

2) Existirá quem pudesse,
Depois de muito vivêr,
A quadra que a esta segue,
Com verdade, subscrever?!

Nunca se-il *efficção*—3
Um continuo, puro gozo—1
A vida p'ra mim tem sido,
Sem um lance *perigoso*.

Lisboa — BAGULHO

3) Numa «*terra portugueza*»—2
Houve terrivel Foguete,
E só teve *solução*—3
Quando estoirou um *foguete*!...

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(*Dedicada a todos os ilustres charadistas deste semanario*)

4) *Não cedi* ao que tu querias,—3
Meu amôr, mas estou repreza;
Tu partiste ha longos dias,
Tiquei só nesta tristeza.

Só um beijo me pedias! —
Fui ingrata, bom me peza,
Pois vivo sem alegrias
E minha alma em fogo acesa!

Tenho o peito dolorido
Da *magua* de ter sofrido—1
Esta tão profunda dôr!

Não serei mais *resistente*!
Volta breve, brevemente.
Dou-te o beijo, meu amor.

Lisboa — DAMA NEGRA

CHARADAS EM FRASE

5 Tens *motivo*? Então *estuda imediatamente* os detalhes do *preito*.—1—1—1.

Lisboa — AVIEIRA

(*A' ilustre colega* «MENINA XÓ)

6) Ser-lhe-hei *agradavel*, passando a sêr *um homem arrogante*?—2—1.

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

7) Você *leva coiro e cabelo* e ainda trava *acerba* discussão depois de fazêr um *trabalho mal feito*.—1—2.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

8) Infelizmente, *a* entrada nas lojas onde se vende *vinho*, *é patente*.—1—2

Lisboa — AULEDO

9) Em *ocasião oportuna* farei cair na *armadilha* todos os pontos que estiverem na casa do *Jogo*.—2—2

Lisboa — D. GALENO (da T. E.)

(*A' Marianita para estimulo*)

10) Foi tão grande o *numero* de *vasilhas* que transportei que já me doia *a pele e os tendões do calcanhar*. 2—2.

Lisboa — LOLITA DOS CALDOS

11) *Acontece por acaso* que me palpita que apanho a «talhuda» pelo Natal. Como tenho um quadragessimo se, de facto, a apanhar, não tenha *pena* de mim. Ai, se eu tivesse *casualmente acertado*?...—3—1

Lisboa — DROPÉ

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE – Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

Varia

CAMPO PEQUENO

Não tem sido possivel, devido á falta de espaço, a publicação, entre outros artigos, das minhas cronicas, estando eu, portanto, em divida aos meus leitores de algumas palavras, que a seguir vou dizer, sobre as corridas dos dias 30 de Maio e 10 e 13 do corrente; aquela em beneficio de Agostinho Coelho e as ultimas organisadas por um grupo de corajosos aficionados.

* * *

A festa do bandarilheiro Agostinho Coelho convidou ao elegante taurodromo do Campo Pequeno uma concorrencia desusada, que encheu a lotação, porque o elenco anunciado não podia ser mais atraente

Os touros, de Emilio Infante, Antonio Lapa e Francisco da Silva Victorino, de bela apresentação, não satisfizeram em bravura, á excepção dos 3.º e 8.º de Emilio Infante, que sairam muito bravos.

A alternativa de Joaquim d'Oliveira foi justa e acertada. O jovem toureiro colocou tres soberbos pares de bandarilhas e com a muleta desenhou uns passes muito artisticos, valendo-lhe todo o seu trabalho uma grande ovação em redor da arena.

No toureio a cavalo, a cargo de Simão da Veiga Junior, João Nuncio e D. Ruy da Camara, sobresaiu João Nuncio no 3.º touro e em um par de bandarilhas com as duas mãos, no 8.º touro, os dois melhores «bichos» da manada.

Simão da Veiga no toureio a cavalo foi aplaudido e na lide a pé, no 9.º touro, arrebatou a assistencia nos tres «tercios»—capote, bandarilhas e muleta—em que esteve superior.

Agostinho e Custodio diligenciaram, no 5.º touro, fazer bom trabalho, sendo contudo muito aceitavel o que executaram, pelo que foram justamente aplaudidos.

O espada «Parejito» não poude brilhar no touro que lhe foi destinado—o ultimo—devido á pessima qualidade do seu antagonista.

Incansaveis nos quites os bandarilheiros Agostinho, «Alfarero», «Angelilo», e a direcção da lide a cargo de Simão da Veiga (pae) muito bem orientada.

* * *

A tourada do dia 10, com bastantes falhas no sol e a sombra replecta, satisfez plenamente. Os touros de Emilio Infante da Camara, bonitos, bem tratados e de muita bravura, proporcionaram a todos os lidadores ovações consecutivas, tendo compartilhado das referidas ovações o grande lavrador que assistia á corrida, num camarote de 1.ª ordem.

O «az» da tarde foi o espada «Armillita», que esteve superior em bandarilhas, optimo com o capote e muleta e muito trabalhador em toda a corrida, tendo sido o seu trabalho coroado de aplausos retumbantes, e no final alguns espectadores desceram á arena e conduziram em triunfo, até ao trem, o grande toureiro.

O seu peão de brega, «Guerrilla», tambem agradou bastante, tendo dado provas da sua competencia profissional em todo o excelente trabalho que executou.

José Casimiro farpeou a contento geral, bem como «Cañero», a pé e a cavalo, e dos nossos peões sobresaiu Custodio Domingos, que fez cousas interessantes com o capote. A direcção da corrida a cargo do aficionado Carlos Viana, com muito criterio e sem protestos.

* * *

A tourada do dia 13 não desagradou, tendo mesmo havido ocasiões em que os aplausos tocaram as raias do delirio, como fossem as justas ovações ao trabalho superior do grande toureiro «Armillita», que executou uma faena simplesmente arrebatadora.

D. Ruy da Camara e D. Antonio Cañero tiveram chamadas especiaes e o peão de brega, «Guerrilla», mais uma vez conquistou justos aplausos, bem como o nosso Custodio, que brilhou com o capote, ao lado do grande diestro e seu auxiliar.

Os touros, oriundos da Casa de Bragança, bonitos e bravinhos, á excepção do ultimo, de pequena estatura e manso, concorreram para o bom exito da corrida, bem orientada pelo antigo aficionado Mario Duarte.

A lotação não encheu.

* * *

Entrecortada com a mais gentil das dedicatorias, foi-me endereçada de Espanha uma excelente fotografia (58×40) do primoroso matador de touros «Bienvenida» e seus dois filhos, os jovens toureiros de 16 e 14 anos, respectivamente, Manoel e José Mejias, considerada a melhor «pareja» infantil, que na epoca passada tomou parte em trinta e tantas corridas, sempre com grande exito, nas principais praças de touros do paiz visinho. Aos simpaticos toureiros agradeço, reconhecido, a gentileza da oferta.

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—João Nuncio.
2.º » » —Alternativa de Mario Santos.
3.º touro para—D. Ruy da Camara.
4.º » » —Espada «Armillita».
5.º » » —Simão da Veiga e D. Antonio Cañero.

INTERVALO

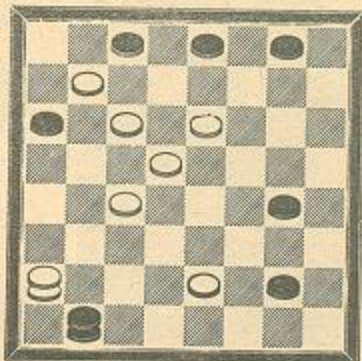
6.º touro para—João Nuncio.
7.º » » —Simão da Veiga e Ruy da Camara.
8.º touro para—D. Antonio Cañero.
9.º touro para—Espada «Armilita».
10.º touro para—Simão da Veiga e D. Antonio Cañero (a pé).

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

solução do problema n.º 73

	Brancas	Pretas
1	13-17	22-13-6
2	14-18	25-11-2
3	8-11	16-7
4	4-8	29-25
5	8-11	25-22
6	11-15	21-17
7	20-24	28-19
8	15-24	22-18
9	24-27	18-15
10	27-32	15-11
11	32-18	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 74

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 1 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 72 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Pinto Machado, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), B. Leiria (Leiria), Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Joaquim José Ribeiro, Junior e José Reis, Neulame (Figueira da Foz), Ruy Freiria, Sueiro da Silveira, Um principiante (Carvalhos), Victor dos Santos Fonseca, e Virgilio Teixeira Lopes.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. José Maria da Silva (Arcos de Val de Vez).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

FITINA.—Caracter suave mais firme e resoluto, espirito religioso, intuição, bom gosto, economia pratica que não chega a ruindade, amor á leitura, habilidade manual, pode enviar a outra consulta e com um pouco de boa vontade embora seja pouco... farei o grafismo.

JOSÉ JOÃO.—Generosidade moral e material, bom gosto artistico, energia e força de vontade, amor ao trabalho, reserva, optimismo, gostos simples e sem força sem ser afectada.

AMOR PERFEITO.—Vontade media, imaginação, gostos originais, amor á leitura e á poesia, pouca vaidade e muito orgulho, ordem, boa memoria, mais optimismo que pessimismo.

DEURIA.—Caracter impetuoso e irreflexivo, vaidades pueris, ambição e egoismo, pouca discreção, desordem, boa memoria, orgulho, muitos nervos e mal dominados.

LEITOR TRIPEIRO.—Boa força de vontade, excepto com os seus, habitos de trabalho, sensual e ciumento, inteligencia finamente perceptiva, bom diplomata quando quer e deve, orgulho digno de si proprio, generosidade bem entendida, espirito religioso.

Obrigada, em nome dos meus pobres.

ZÉCA.—Boa e cultivada inteligencia, nervos indomaveis, trato original, generosidades pródigas, temperamento artista, rajadas de pessimismo que passam rapidamente, ordem (isto quere dizer que arruma o toilette e esquece coisas importantes, ordem de ideias e desordem economico...) sentimento de poesia; amor á verdade.

UM TROGLODITA NO SECULO XX.—Caracter impulsivo mas que sabe dominar o seu impulso, generosidade, bom gosto, um tanto original, lealdade, pouca vaidade e muito orgulho, inteligente, metodico, com uma memoria explendida que sabe aproveitar.

RIPDOVP.—Boa e cultivada inteligencia, reserva e lealdade, culto da beleza, ideias largas e humanitarias, bom gosto para tudo, generosidades prodigas, originalidades, impulsivo e um pouco irascivel, nada vaidoso, mas com um alto conceito de si proprio.

STELLO DE AMICIS.—Caracter suave e um tanto diplomatico, ambicioso, desconfiado, teimoso e fraco, boa memoria só para certas coisas, mais intuitivo que inteligente.

GALLRAITH.—Imaginação, vaidade pueril, habitos de trabalho, amor á discusão mais optimismo que pessimismo, amor á mentira (sem consequencias), ordem de negocios e desordem de objectos, lealdade e generosidade.

UM NUNO.—Pontos de contacto com «Um Troglodita no Seculo XX» tanto é assim que pode servir-lhe esta analise.

UM VANDALO.—Caracter pouco meigo mas bom no fundo, reserva, lealdade, muitos nervos, intuição feminina, espirito religioso, generosidade bem entendida, ordem, sentimento do dever, amor á leitura.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias Devido ao limite do espaço não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis, porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*, RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

AMOR IMPOSSIVEL

OU

GARGAREJO FATAL

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

me falas». E ele ouviu atonito: «Ó filho, que bem que falas»!...

Então, desiludido e vendo a inutilidade dos seus esforços nessa noite lamentavel, o galã fez final d'acto e partiu, embuçado na sua capa... de borracha.

* * *

Mas o maior inconveniente, aquele que havia de fazer ruir completamente o meu sistema, não aparecera ainda. Amancio, do constante contacto ou convivio verbal com a visinha do 1.º andar—primeira étape das suas frases—começou a sentir por ela um grande interesse. E por fim, emquanto as frases faziam aquela demorada viagem de ida e volta até ao 6.º andar, ele mantinha um verdadeiro idilio com a visinha mais proxima.

O resultado era inevitavel, e confesso que não tinha previsto no meu sistema esse tão grave perigo.

Uma noite, a pequena no 6.º andar, percebendo que era traída, vendo-se desprezada, precipitou-se tragicamente, alucinada, da sua janela; e com tanta infelicidade, que veiu cair em cheio sobre o Amancio, que dessa vez ficou Calado... definitivamente.

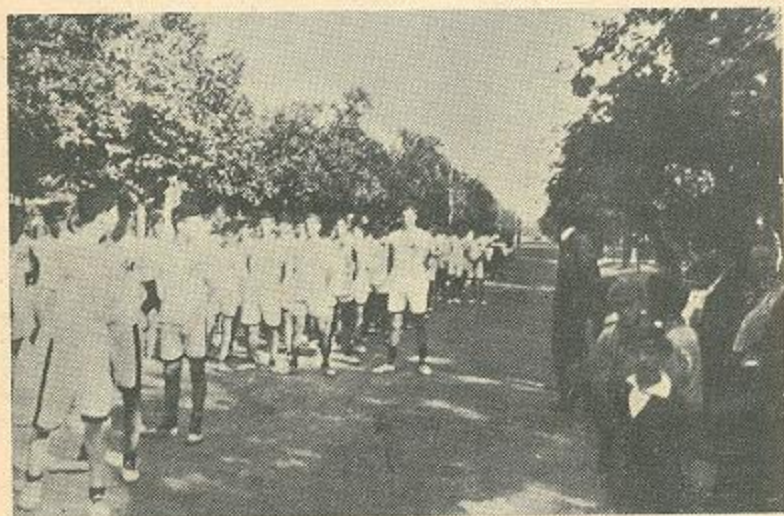
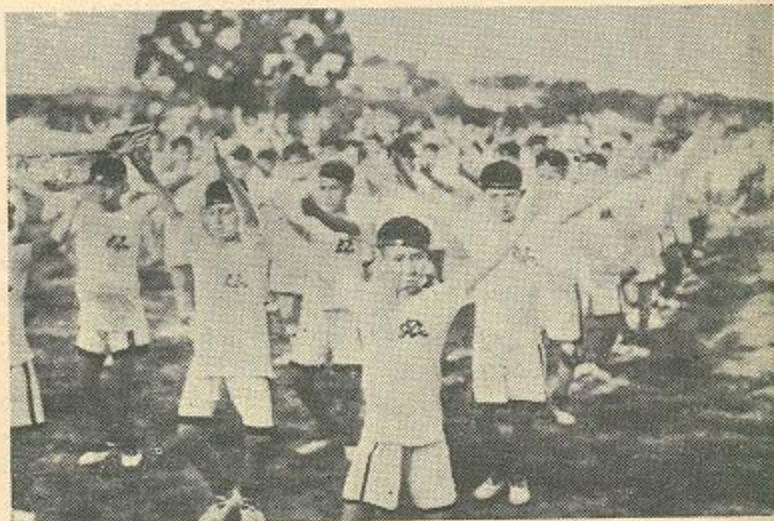
AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

A FESTA DA GYMNASTICA

O Sr. comandante Cabeçadas, entregando, como presidente do ministerio, os premios ás escolas que se salientaram na parada da festa de educação fisica.

OS ACONTECIMENTOS

A mêsse dos sargentos, no forte da Ameixoeira, onde se encontravam acampadas forças do general Gomes da Costa

No Campo Grande, os alunos das Escolas de Lisboa concentram-se para a grande festa da mocidade, que foi a mais linda nota da semana.

Os «ratinhos» do Colegio Militar nos seus exercicios.

UM ESCRIPTOR QUE TRIUNFOU NO BRAZIL

O nosso camarada Henrique Roldão a quem foram dedicadas festas no Rio de Janeiro, tendo sido alvo de muitas homenagens.

O LISBOA-MADRID CIVIL

No desafio de foot-ball Madrid-Lisboa, a favor da Imprensa: um grupo de jornalistas. No primeiro plano Norberto Lopes, do «Diario de Lisboa».

UMA ACTRIZ QUE TRIUNFOU NO BRAZIL

A gentil e insinuante artista portugueza, Laura Costa, que na sua estreia nos palcos do Rio obteve grandes triunfos, tendo conquistado a critica e o publico.

HUMORISMO

crónica alegre

A DOENÇA DO PAIZ

O Paiz está doente. Os males de que sofre não são de ontem, nem de hoje. O certo é que, melhor ou peor, o doente lá se vem arrastando ha séculos.

A quem se chega á sua cabeceira e indaga:

—«Então como vai isso?...

...êle encolhe os ombros e, com um sorriso mais de resignado que de moribundo, responde:

—«Vae-se vivendo sempre na mesma.

O peor são os inumeraveis srs. doutôres. Chega um, chamado pela D. Constituição, governante do enfermo, e instala-se á cabeceira. Faz o seu diagnóstico—de resto, os males são patentes—e receita. Em geral, a receita é um aumento de despêsa. O doutôr, a quem o censura por não aplicar certos remédios, explica a meia voz:

—«Se fosse a aplicar essa medicação, metade e meia dos meus amigos ficavam mal comigo.

Começavam então outros doutôres a gritar:

—«Saia daí! Você não entende nada disso. Você está a explorar o doente. Eu, sim, que o punha são como um pêro...

Nessa altura ou o assistente se vai embora por seu pé ou começa um chinfrim terrivel. Os novos salvadôres pretendem arrombar a porta da rua. Transposta esta, escaqueiram a mobilia da ante camara.

—«Valha-me Deus, meus senhores, grita o doente.

O primeiro assistente aguentou-se emquanto a porta resistiu. Quando éla cedeu, esgueirou se pela janéla do quintal. O vencedor instala-se á cabeceira, atira ao chão com todos os remé lios que lá estavam—a maior parte era agua do pote—e despedindo os antigos enfermeiros e nomeando outros novos arregaça as mangas, exclamando:

—«Ora vamos lá a salvar este desgraçadinho Paiz que aquêle ignorante ia matando.

—«Deus o ouça! diz o doente conformado:

E de duas, uma: ou o recemchegado acaba por mandar aviar as mesmas receitas ou dispõe-se a estudar o mal e a conveniente panaceia. O peor é que, entretanto, o primeiro doutôr, de combinação com um terceiro pretendem assaltar a camara do pobre Paiz. Não é raro haver um quarto mancomunado com um quinto e com os mesmos propositos. Quando o doente está passando pelo sôno, rebenta na escada um barulho infernal, a porta vôa em estilhaços, ha doutôres engalfinhados em cima da própria cama desse a quem pretendem salvar á viva força, outros enfiados debaixo do leito.

O Paiz encolhido, resguardando a cabeça com o travesseiro, reedita o dito celebre:

—«Senhor! Livrai-me de tantos doutôres que, da molestia, tratarei eu de me livrar...

Mau é que não se aplique a certos destes senhores a lei do exercicio ilegal de medicina. Se muitos que se intitulam medicos e nem chegam a ser curandeiros fossem parar á cadeia, haveria talvez uma esperança de, a pouco e pouco, nos vermos livres dêles. Mas não. Partem a mobilia, incomódam toda a gente e, no fim, vão para casa tranquilamente preparar outra aventura do mesmo género.

NO RESTAURANT

—O filho! então não queres lingua de vaca?
—Não, já te disse que nunca comerei nada que tenha saído da boca dum animal...
—Então porque não tomas uns ovos?...

CEU E INFERNO

Ontem, á saída duma catequése, estive ouvindo duas pequenitas conversar. O assunto era o problema d'alem-vida: o ceu ou o inferno.

Quando eu era tambem pequêno o assunto apaixonou-me bastante. Hoje tenho a minha opinião formada. Opto pelo inferno e por duas rasões: o *chauffage* e a convivencia. Todos os virtuosos que eu conheço—ou suponho conhecer, porque ha quem esconda muito bem o seu jogo—são uns semsaborões impossiveis de aturar um bocado, quanto mais uma eternidade. Todas as pessoas interessantes das minhas relações são pecadôres encartados e vão evidentemente para o inferno. Ainda é lá que se poderá conversar um bocado depois da morte e encontrar-se gente conhecida.

De resto, a respeito do ceu circulam ha muito boatos inquiétadores e tendentes a afastar os *touristes*. Assim uma vez, o espirito dalguem que tinha morrido em cheiro de santidade foi chamado a uma mêsa de pé de galo. Perguntaram-lhe:

—«Foste para o ceu?

—«Fui. Direitinho como um fuso. Mas vim me logo embora.

—«Porquê?

—«Ora! Cheguei á porta, espreitei lá para dentro e não estava lá ninguem.

Tambem consta ha muito tempo a seguinte historia.

Moisés passeava uma tarde no Paraiso e, aborrecido como um prego ferrugento, bocejava mais que uma junta de crocodilos. Por acaso, ao virar duma esquina, encontrou Johovah.

—«Que fazes, amigo Moisés?

—«Nada. Aborreço-me...

—«Tambem eu...

—«Mas... Tu és omnipotente. Podes

fazer o que quizeres para te distraires.

—«Já nada me distrai...

—«Faz uns trovõesinhos para meter mêdo aos humanos.

—«Não me apetece...

—«Manda-lhes uma guerra, um terramóto, meia duzia de ciclónes...

—«Já não acho graça a essas cousas...

—Então, concluiu Moisés, não sei que te faça.

Jehovah coçou as barbas e, tirando do bolso um baralho de cartas, recostou-se sobre uma nuvem, dizendo ao secador do Mar Vermelho:

—«Instala-te aí e vamos jogar um *pokersinho* barato...

Moisés hesitou um grande bocado. Por fim sentou-se, mas apresentando as suas condições:

—«Está bem. Vamos ao tal *poker*, mas ficam prohibidos os milagres.

Já vêm que não vale a pena ir para o ceu. Corre-se muito o risco de, na altura de armar uma bisca de trez, acertar logo com dois parceiros taumaturgos.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Um dos mais talentosos dentre os nossos autôres dramaticos foi agraciado ha tempos com o grau de cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro.

Sua esposa, uma das mulheres espirituosas que ainda ha em Lisboa, ao ser avisada da ocorrencia, exclamou:

—«Calha muito bem. Grande arranjo para meu marido que não tinha onde caír morto...

ANDRÉ BRUN

NO PROXIMO NUMERO

"Othello... para pernoitar"

NOVELA MUITO SENTIMENTAL
E MUITO SANGUINEA

DE

AUGUSTO CUNHA

OS LIBERTARIOS

—Com que direito, meu amigo, nesta epoca de liberdade existem ainda balões cativos?

Curiosidades

CANHÕES DE OURO

O «gaerwar» de Baroda, riquíssimo príncipe indio, possui uma bateria de peças de artilharia feitas de ouro e prata. A bateria consta de quatro canhões, dois de ouro e dois de prata. Os de ouro foram construidos em 1874 por um fabricante de Lakha, que levou cinco anos a fazê-los. Cada canhão pesa cêrca de 200 quilos.

São completamente feitos de ouro, com excepção da culatra, que é de aço. Estão montados sôbre madeira trabalhada, com incrustações de prata. Em 1876, nas festas de recepção ao príncipe de Gales, quando foi a Bombaim, as salvas do estilo foram dadas com êstes canhões, mas, desde então, nunca mais êles saíram de Baroda.

OS SELOS DA RÚSSIA

Na Rússia circulam sete selos, criados pelos «soviets», nos quais se contém tôda a história da grande revolução. O primeiro—um facho vermelho sôbre um fundo branco — simbolisa o desastre originado pelo sucesso da tirania e o fogo purificando tudo. (Este selo vale 250 Pyb.). O segundo é a silhueta, em azul, duma mulher núa, destacando-se sôbre fundo branco; é a Rússia, imovel, scismando em como sairá das suas próprias ruinas. (E' o selo de 500 Pyb.). O terceiro é côr de laranja sôbre branco e representa uma mulher esqueletica, erguendo ao alto uma creança morta e não deixando que lhe toque a multidão antropófaga, que procura roubar-lha; representa os horrores da fome. (Este sêlo vale 750 Pyb.). O quarto é ainda uma figura de mulher em azul quási negro, sôbre uma oval de fundo branco; a mulher está envolvida num manto lutuoso e tem aos lados duas lâmpadas mortuarias; é a Rússia cadavérica, quási moribunda de miséria. (Vale 1.000 Pyb.). O quinto é o sêlo da caridade; aparece uma figura alegórica e, ao fundo, canteiros de flores, que foram regados com sangue (Vale 2.500 Pyb.). O sexto traz as figuras da Inteligencia e do Trabalho, a castanho escuro sobre branco; é a tranquilidade que chega; é o povo russo que estuda e trabalha. (Vale 5.000 Pyb.). O último é a Rússia futura, a Rússia em que todos teem esperança; por isso é verde e representa uma silhueta de mulher núa, erguida pelos braços robustos dos homens. (Este sêlo vale 10.000 Pyb.).

A PRIMEIRA MÁQUINA DE ESCREVER NA CHINA

Acaba de ser inventada por um tal Tze Quon, de Shangai, a primeira máquina capaz de transcrever as 5.700 letras do alfabeto nacional da China. Enquanto nas máquinas americanas ou européas cada letra está montada numa tecla especial, na nova máquina chineza as letras, em grupos, são pintadas por intermedio duma só tecla, que, depois de as deixar serem utilizadas, as conduz para as suas respectivas cavidades. A máquina pesa, aproximadamente, uns 40 quilos.

SANTO ANTONIO MILAGREIRO

SANTO Antonio, com sua carinha de maçã reineta, todo menineiro, rosadinho, bem humorado, caiu nas boas graças dos seus patrícios de Lisboa, e nem decretos com fôrça de lei, nem o recente culto de Camões, nem ameaças maçónicas, nem poeiras de livre pensamento, são capazes de o arrancar do coração do povo. Com mais ou menos bombas e bichas de rabiar, o dia 13 de Junho ha-de ser, por fôrça, dia de festa em Lisboa, a-pesar-de ser num dia 13 de Junho, numa sexta-feira do ano de 1231 (já lá vão sete séculos!) que o bom frei António de Santa Cruz, em plena mocidade, aos 36 anos, entregou a Deus a sua risonha alma de justo.

Para comprovar o fraco dos lisboetas pelo santo casamenteiro, basta lembrar um facto que é de hoje: fez-se uma revolução militar, mobilisaram-se milhares de soldados, o chefe de Estado renunciou, e quando, enfim, se organisa o Govêrno e se poderia julgar que alguns gravíssimos problemas iam ser propostos ao novo critério dos governantes, aparece uma comissão de senhoras e cavalheiros pedindo para ser aberta ao culto a casa e egreja de Santo António, junto á Sé de Lisboa...

Vem a propósito lembrar qualquer cousa acêrca da vida dêsse tão santo varão, que é o eterno Santo Antoninho dos lisboetas. Nasceu em 1195, no sitio que chamavam Pedreira da Sé, e foram seus pais Fernão Martim de Bulhões e D. Tereza Taveira (não confundir com a conhecida actriz...). Chamava-se Fernão ou Fernando Martins, e como a sua família fosse rica e honrada, poude, desde verdes anos, começar os seus estudos na escola claustral que funcionava junto á Sé de Lisboa. As suas tendências piedosas acentuaram-se muito cêdo e, segundo a tradição, era ainda «menino do côro» quando foi tentado pelo demónio, sob a forma duma fascinante judia; para se livrar da tentação, o futuro santo traçou com o dedo uma cruz na parede, invocando o auxílio de Deus. Nas paredes da escada do côro, na Sé de Lisboa, onde se passara esta scena, ainda há poucos anos se mostrava a impressão da Cruz que os dedos do santo ali deixaram...

Em 1211, Fernão Martins tomou o habito dos conegos regrantes de Santo Agostinho, professando no mosteiro de S. Vicente de Fora. Dois anos depois, o seu fervor religioso levou-o a procurar sítio mais ermo, onde melhor se entregasse a piedosas meditações; foi-se até ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde assistiu á chegada das relíquias dos Santos Martires de Marrocos. Resolveu então seguir o exemplo dêstes e ir a Africa prègar a verdade cristã; para isso, abandonou a sua opulenta congregação e fez-se frade franciscano, passando a chamar-se Frei Antonio de Santa Cruz e indo residir para a ermida dos frades capuchos de Santo Antão, no sitio hoje chamado de Santo António dos Olivais.

Chegou a embarcar a caminho de Africa, mas uma doença fê-lo desistir do seu propósito, e um naufrágio, que teve lugar quando regressava à pátria, arrojou-a sua nau para as costas da Sicília, onde desembarcou. Em Itália, donde nunca mais saiu, teve ocasião de falar com S. Francisco de Assis, que lhe impoz a obrigação de prégar e de ensinar teologia. Frei António obedeceu prontamente, e logo operou a conversão de inúmeras ovelhas desgarradas do rebanho cristão. Em Roma, em Toulouse e Montpellier e, por fim, em Pádua, professou teologia e fez prédicas brilhantes, logrando mesmo em vida, pelo ardor e eficácia das suas palavras, a fama de santo. Aos 36 anos, morria, num arrabalde de Pádua, sendo canonisado dois anos depois, pelo papa Gregório III. O facto de Santo António ter nascido em Lisboa e ir morrer a Pádua sugeriu ao grande prègador Padre António Vieira uma engenhosa passagem num dos seus sermões. A' primeira vista, parecia-lhe desamor á terra pátria o santo ir morrer na Italia, mas diz êle: ... «quando por parte da patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação: *sois a luz do mundo.* Foi luz do mundo? Não tem logo Portugal de que se queixar. Se António não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do sol... Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Pádua a sepultura do seu ocaso».

Dos milagres de Santo António, os mais conhecidos são o de vir de Pádua a Lisboa, salvar o pai que ia ser condenado á pena última, por um crime que não cometera (a pressa com que o santo voou desde Italia á patria sugeriu a tipica frase popular: *aquele vai salvar o pai da fôrca);* o milagre que o santo fez, quando, estando a prègar a gente pouco atenta, disse que melhor o entenderiam os peixes dum rio que estava próximo, os quais peixes, ouvindo isto, acudiram á tona de agua, erguendo as cabeças (daqui o dizer-se quem fala sem ser atendido, que *é melhor ir prégar aos peixinhos).*

O amor e o cuidado com que as crianças do povo enfeitam a tosca imagem do santo, colocada sôbre o seu trono de papelão, deu talvez origem á expressão usada quando se quere significar que se tem muito cuidado numa pessoa ou cousa: *eu ando com êle... meu Sant'Antoninho, onde te porei».* O rosto sempre menineiro e parado, com que aparece o santo, nessas imagens populares e nos retábulos que são tão frequentes sôbre os portais das quintas, tambem deu causa a que se diga, para significar que uma pessoa tem uma cara inexpressiva: *parece um Sant'Antoninho de porta de quinta.*

CÁ E LA...

A crise da habitação, em Worcester, Inglaterra, é tão grande, que a antiga cadeia foi aproveitada para fornecer quartos alugados, pagando-se á semana. Alberga, hoje, umas dezoito familias, apezar das celas ainda manterem as suas tristes grades de ferro.

UM CÀLCULO DIFICIL

Um médico polaco calculou e provou que o trajecto percorrido pela lingua, quando se fala, não é inferior a cinco quilómetros, durante trinta anos. O dito médico serviu-se, para os seus cálculos, duma mulher medianamente faladora...

UM BOLO MONSTRO

Em Santa Rosa (California) festejou-se, há algumas semanas, o septuagésimo setimo aniversario do sr. Luthero Burbank, pessoa muito estimada e conhecida. O que há de notável, de «americano», neste acontecimento, é apenas o seguinte: os funcionarios postais do distrito de Sonoma ofereceram ao sr. Burbank um bolo que pesava sessenta e nove quilos!

UM PEIXE ORIGINAL

O «boodonte» ou «peixe pôrco-espinho», é um dos mais curiosos peixes dos mares tropicais. Quando sente a presença dum inimigo, incha, enchendo-se de ar o seu esófago, e as espinhas que lhe cobrem o corpo eriçam-se dando-lhe o aspecto dum porco-espinho. As suas mandibulas, providas duma placa córnea ponteaguda, servem-lhe para triturar corais e moluscos. Mede uns trinta centimetros de comprimento e a sua carne não é comestivel.

O USO DO «DOM»

No século XV, os Reis Católicos Fernando e Izabel concederam, como altíssima honra, o uso do «dom» a Cristovão Colombo, que regressava da sua famosa viagem. A partir de então, esta honraria foi-se generalizando de tal maneira, que dois séculos depois o uso passou a abuso. Em 1511, Filipe II quís pôr côbro a isso, publicando uma lei em que se enumeravam as pessoas que unicamente tinham direito a usar «dom», mas a eficácia de tal medida vê-se bem: em Espanha, hoje, quási tôda a gente tem «dom»...

UMA ESTRANHA COLECÇÃO

Na cidade de Los Angeles (America do Norte) existe uma das mais extraordinárias colecções do mundo. E' uma colecção de «bibelots» e estatuetas (de bronze, ébano, madeira de sândalo, marfim, barro ou qualquer outra matéria), representando elefantes. O excentrico proprietário desta colecção é o snr. Alberto D. Andersen, o qual terminou, recentemente, uma longa viagem á volta do mundo, durante a qual obteve 44 novos exemplares, para enriquecer o seu tesouro.

O DOMINGO Ilustrado

NÃO ESCOLHA! HOJE SÓ HA UM ESPECTACULO BOM **O HOMEM DAS 5 HORAS** E O **PAPO SECO** QUE TAMBEM É HOMEM...

cá por dentro

Agora, a serio, o Nacional

Tem-se dito que uma das razões do descalabro em que caiu o nosso chamado «teatro escola» era o facto de ali estarem arrumados certos elementos que eram impostos por personalidades politicas.

Quanto a nós, nunca foi essa a razão principal.

Os elementos apontados, desde que fossem orientados por pessoa que dispuzesse da força precisa para ser obedecida e de criterio de bom senso exigido, poderiam prestar excelente serviço.

Não ha que tirar ninguem do Teatro Nacional — para se fazer ali uma obra decente e educativa.

Com a nova situação oficial, não se poderá dizer que são os politicos os responsaveis pela nova epoca do Nacional.

No momento em que escrevemos não ha a certeza de ficar na pasta de instrução o sr. dr. Mendes dos Remedios, que já prometeu organisar sobre bases de solida garantia o Teatro do Estado.

Mas, na franca ditadura militar em que entrámos ha que pedir que se aproveite a oportunidade para dar um estatuto áquele teatro, dotando-o como é mister, de forma a acabar-se com aquele triste espectaculo, sem dignidade, sem interesse, e sem decôro.

Prometemos aos nossos leitores, nesta pagina de teatro, pela pena de varios escritores, tratar do caso.

Maria Cristina, uma notavel actriz que desponta.

A graciosissima e gentil actriz que no Politeama, na companhia Rey-Colaço, marcou um belo lugar, acaba de ingressar no elenco de Erico Braga, e acaba também de obter agora um assinalado triunfo no S. Luiz, com os papelinhos do «Papo-Seco».

Maria Cristina, que é um elemento de larguissimo futuro, merece por todos os motivos esta referencia que não é um reclame banal, e muito menos um elogio sugerido.

«O Domingo» faz-se apenas eco da opinião do publico.

A velha história da melancía

—QUANDO tinha desaseis anos e procurava impingir ao Vale que Deus haja um peça num acto que eu supunha engraçadissima, ouvi um logar comum do teatro, que para mim era novo e me pareceu cheio de observação e de espirito: «Uma peça é uma melancia. Só depois de aberta é que se sabe o que tem dentro.» Depois dessa vez tenho ouvido repetir isto por centênas de pessoas. Entretanto, nunca se pronunciou maior disparate...

—Deixe-me dizer-lhe que...

—Não lhe deixo dizer nada. Quem fala aqui sou eu. Uma peça será uma melancia. Será uma abóbora. Será o que quizerem. O caso é que, antes de abri-la, ja devemos saber o que tem dentro, visto que somos nós que lhe introdusimos a polpa, o sumo e a pevide, escusado será dizê-lo. O publico, que só vê a casca, poderá enganar-se; mas nós, mercadores que a pomos á venda, só se formos muito estupidos é que teremos ilusões acerca dum recheio que nós proprios organisámos. Se me dissessem:—«Uma peça é uma melancia. Só depois de a provar é que o comprador a trinca ou a deita fóra» estava certo; mas era uma maxima de amigo Banana, que talvez fosse desnecessario vir repetindo desde o tempo de Gil Vicente.

—E, para variar, podia dar-se uma folga á melancia e exercer a comparação com a sardinha de Nantes, com a banana, com todos os frutos de mar e terra, emfim, que tem lata ou casca.

—Falaes como o sabio rei Salomão, meu bom amigo. O que êles querem dizer na sua é simplesmente isto: Ha uns sujeitos que pégam numa forma de papelão, pintam-na a fingir uma casca de melancia, metem-lhe dentro algodão em rama molhado em agua de Botot a simular a polpa, agua do póte com assucar mascavado a figurar de sumo, tapam as fendas com verniz ordinário e anunciam em altos brados: — «Magnificas melancias a preços redusidos». A's vêses, os papalvos reunidos acreditam, mastigam aquéla porcaria e acham-na excelente. Outras vezes, mais entendidos ou escaldados, abeiram-se da quitanda e basta-lhes olhar para a mercadoria exposta para abanar violentamente as orelhas. Dessa vez a melancía não pegou; mas os maraus que a queriam vender estavam fartos de saber o que tinha dentro...

—Você engana-se. A meúdo, esses, que Você trata de maraus, estão de boa fé. Parece-lhes possivel fazer melancias vendaveis com essas bodégas...

—Coitados! Então é porque são fundamental e irremediavelmente tôlos e quem o é não se mete em assuntos de inteligencia, limitando-se a pedir a Deus que o mate.

—Sabe que Deus anda preocupadissimo com outros assuntos e não tem tempo para olhar por isto.

—Pois, se não nos acode com a sua divina providencia, daqui a dois anos não resta na crosta da Luzitania o menor vestigio de «cavalo branco»...

—Que têm os cavalos brancos com o teatro?

—«Cavalos brancos» meu bom amigo, chamam-se em Hespanha os incautos capitalistas que dão dinheiro para emprêsas teatraes sem perceberem patavina do assunto... A esses, sim é que é contar a velha historia. Esses podem acreditar que a qualidade de certas peças possa ser um mistério. Os ratos de teatro sabem muito bem se são boas ou más e, quando escolhem as más para remediar, para satisfazer uma *combinaca*, etc. emquanto se não dá a catastrofe ha o recurso da melancía. Já conheço em Lisboa meia duzia de arrojados homens de dinheiro que, em chegando o tempo do calor e das melancias, mal vêm alguma, lembram-se de passadas arrelias e curvando-se para éla dizem-lhe baixinho:—«A mim, não me tornas tu a intrujar!»

A. B.

O GRANDE DICTADOR DA GARGALHADA E O **"Papo-Seco" no S. Luiz**

comentarios

Os culpados

Está a acabar a epoca teatral de inverno. Portugal será talvez o unico paiz da Europa onde se deu este facto formidavel: representar apenas uma peça de autor nacional!

Com efeito, se excluirmos umas revistas populares de gosto muito duvidoso, apenas o Teatro Nacional deu a representação duma peça de Carlos Selvagem, caida em poucas representações.

De quem a culpa? Dos emprezarios actuais, e sobretudo dos emprezarios das epocas anteriores. Da maneira de proceder destes, da maneira de proceder dos dramaturgos e comediografos, do trabalho destes e da atitude do publico.

O Emprezario fez este raciocinio: entre uma peça estrangeira com 500 representações em Paris e outra portuguesa com trez meses de gaveta, vou pela primeira. Vantagens? 1.º sendo a peça estrangeira, a critica não tem coragem, mesmo que o sinta, de desmentir o sucesso chancelado em França ou em Espanha. 2.º Tendo probabilidades de entrega-l'a a traduzir a alguem dos jornais, assegura a publicidade desse jornal e a simpatia dos outros. 3.º Sai-me mais barato, porque pago menos direitos.

O publico, vai, pois ao teatro e dão-lhe uma peça, em geral bem urdida, posta em português, muitas vezes correcto. Os personagens não são seus conhecidos, os tipos e as situações são-lhe extranhas. Mas, emfim, o publico vai, e a peça tem um sucesso mediocre, amparado pela Imprensa.

Os comediografos têm, pois, dois caminhos a seguir: a tradução ou o teatro baixo.

Para o teatro baixo ha as companhias e os emprezarios de revista. Ahi o emprezario pedirá coisas que façam rir o publico, que o excitem, que se coloquem ao seu nivel, que o lisongeiem nos peores instinctos. Raras vezes surge o comentario saŭdavel—quasi nunca uma nota de bom gosto que o eduque, divertindo-o.

Na baixa comedia, os auctores teem que recorrer á exploração dos actores de popularidade, preocupando-se exclusivamente com os chistes tirados da gordura deste ou do caracter daquele.

Não poderão fazer, como já fizeram, alguma coisa que fique, como comentario oportuno á vida que vamos vivendo.

Ao passo que a Espanha, aqui tão perto de nós, tem o teatro dos Quinteros cheio de Povo, e a alegria dos sainetistas a aligeirar-lhes a vida—nós traduzimos tudo, a torto e a direito, dando por junto, numa epoca inteira, um drama inviavel e improvisado, de Carlos Selvagem!

Que tristeza—que enorme tristeza!

E lembrar-se a gente que o povo espera que lhe dêm teatro que êle entenda, sentido teatro onde ele veja os seus costumes, o seu pitoresco, a sua vida, a sua alma—teatro que ele já teve!

LER NO PROXIMO NUMERO A PRIMEIRA CRONICA ENVIADA DO BRAZIL POR **Henrique Roldão**

S. Luiz — Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «O homem das 5 horas» e «Papo-Seco».

Gymnasio — «O Celebre Pina», grande sucesso de gargalhada.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — Fechado temporariamente.

Nacional — Grande sucesso da peça «O Antepassado»

Trindade — Companhia fradcesa «Ba-Ta-Clan».

Apolo — A peça o «Santo Antonio» magnifico desempenho de Rafael Marques.

Eden — A aplaudida revista «Fox Trot».

UMA NOVELA DIPLOMATICA COMPLETA...

Visconde de Barnabé "diplomata da Republica"

Novela aproposito... em que se contam curiosissimas peripecias numa embaixada portugueza, que o leitor tem que adivinhar qual é...

CONHECI o Barnabé quando ele entrou, com uma situação do Hintze, para amanuense do Ministerio dos Estrangeiros. Era um rapaz debil e afavel, com o cabelo ensopado sempre em lustrina, um perfume barato a dar-lhe uma enjoativa aureola, e um dente podre que só se via quando ele, á luz dos bicos de gaz, recitava na sala do teatro das Trinas, de que era fundador, o *Sonho dum Anjo*, que aliás musicara tambem para bandolim, como hino associativo, com o aplauso da Assembléa Geral.

Foi por essa altura o seu casamento de estadão, com Alzirinha Robalo, filha do Robalo dos riscados, pequena tão mimosa como artritica, cuja mortal palidez uma tarde do Passeio Publico perturbara a digestão de Barnabé e o levara a passear alta noite, defronte das portas cerradas da loja da Rua da Palma, onde um sol de purpurina se estrelava na parede, sob a formula consagrada de «quando nasce é para todos».

Era o Sr. Bernardino Machado, de caçador, com uma peninha no chapeu, entre dois lords.

E assim, um domingo, depois da missa, aflambrado na sua farpela côr de alecrim, o Barnabé declarou no seu melhor e mais intencional sorriso ao Robalinho dos riscados:

—O amor quando nasce é para todos... e eu amo sua filha!

Tremula, a Alzirinha confirmou a paixão, e nas tipoias do Simplicio o do Magno o consorcio foi falado e veio no «high-life» do *Diario Ilustrado*, que escrevia, apesar de toda uma irredutibilidade partidaria: «Curvamos-nos respeitosos perante a felicidade que hoje aufere o nosso distinto adversario politico sr. Jeronimo Barnabé».

E acaba aqui a primeira parte...

* * *

Singrou serena a vida de Barnabé, até que, tendo cedido ao Rei, para uma caçada, certa quintarola e rico pousadio de mato que o velho Robalo possuia nas cercanias de Vidago, saiu no «Diario» aquele imprevisto decreto que lhe chamou visconde.

Longe das baetas e dos cotins—tendo deixado a Sociedade por cotas com o sôgro, Barnabé entrou na sociedade mundana com a mulher. E no rotativismo tranquilo dos progressistas e regeneradores, o visconde foi mastigando socegado os ordenados, na interminavel sequencia de muitos anos.

Veio depois a Republica, que encontrou Barnabé mais calvo, com três dentes cariados e com profundas convicções liberais, desde que João Franco lhe reduziu heroicamente uma gratificação de serviço. Deixára já por essa altura de recitar o *Sonho dum Anjo* e compoz, então, com solemnidade, para uma sessão do Registo Civil, uma violenta pagina em que falava dos «clarões sanguineos de Marat» e comparava respeitosamente «no magnifico ornato capilar, como na apostólica pureza idealista, o sr. Magalhães Lima a Victor Hugo». Com o advento do regimen, prestou relevantes serviços á Patria.

Era dos poucos republicanos que tinha casaca feita—e o seu ar «ancien régime», tão apreciado logo nos altos meios da Republica—dera-lhe situação.

Era consultado sobre protocolo, e relembrando habilmente aquela pagina feliz sobre Marat, tão cheia de violentas apostrofes traduzidas com cuidado dos jornais da Convenção—foi nomeado para o estrangeiro ministro de Portugal, em substituição dum bom velhote, distinto, que vivia socegado entre bric-á-brac, numa capital da Europa.

Acaba aqui a segunda parte...

* * *

Este capitulo podia chamar-se: a influencia de M.^le^ Bobinne, do Palace, na sardinha portuguesa de conserva.

Ao mudar-se da velha casa da Rua da Palma, já então arranjada em estilo «Almirante Reis», para a legação portuguesa de ***—o visconde levava só retratos de familia—o grande «crayon» do Robalo pai e umas almofadas pintadas pela boa Alzirinha, a uma tinta de grude, que cheirava mal, além dum quadro em cortiça, que tambem cheirava mal e representava o Castelo, da Pena, um relevo francamente assustador.

A entrada do ministro português na côrte estrangeira deu que falar.

A Alzirinha estava, com a idade, sobre o tipo gorducho, e como era baixa de natureza, chamavam-lhe no corpo diplomatico «a parteira». Claro que a respeito de idiomas tinha os melhores sorrisos internacionais, mas falava apenas «Rua da Palma» puro. Isto davalhe um certo isolamento ingrato nas reuniões oficiais, onde em geral se entretinha a falar por sinais com a consuleza da China, que era surda como a Sublime Porta e dotada duma paciencia oriental.

Certo dia, em que a reunião foi na Legação de Portugal, a coisa complicou-se. A viscondessa estava positivamente «á brocha».

Murmurava uns «ouis», que pareciam mugidos. Ajudava a mulher do adido militar português, uma pitorrinha gorda tambem, que era de «Campo Dórique», como ela dizia.

E então era vê-las a fazer as honras da casa: «Vá!... vá!... um bolinho destes! Então! Ande que são todos de amendoa e ovo! Vá! Não se faça exquisitinha! Vá!»

E a ministra da Russia, uma «Princesse» esguia, a esquivar-se toda, com um sorriso trocista: «Pas possible, Madame, pas possible!»

Depois, a velha creada portuguesa entrou, com os calicesinhos para o Porto, e como tivesse partido um, logo a nossa ministra, bastante filha do Robalo dos riscados, vermelha de colera, lhe disse surdamente, sob os olhitos vivos da embaixatriz de Espanha:

—Mais um, Maria, mais um!!

E a reunião acabou entre bocejos, com uma explicação do visconde sobre estampas do Hotel do Bussaco, mandado construir por D. Manoel I, todo em estilo manoelino...

* * *

O nosso ministro dos estrangeiros era nessa altura um rapaz chic. «muito amigo de Barnabé, tendo como planos internacionais um bom «frack», uns olhos repolhudos e no «carnet» mundano uma aventurasita com uma ministra de Paizes Baixos.

E, nessa semana, mandara a Barnabé, em nota confidencial o pedido dumas grãs e cruzesitas, das mais faceis, vistosas, decorativas, por causa duma recepção na Presidencia.

Barnabé continuou a ser amavel. Mas, desta vez, Barnabé não respondeu logo. E a verdade é que, armadores que vinham de longes terras, pescar o nosso peixe, tendo apanhado o ministro mal humorada pela historia dos grã-cruzes, foram pescados.

No entretanto, lá fóra, Barnabé não descurava o assunto—como dizem sempre os ministros.

Simplesmente uma pequena, uma galantissima pequena, M.^le^ Bobinne, do Palace, tinha-o enrolado... E não fosse ela «bobinne»!

Barnabé andava doido.

Aprendera a patinar no Palacio de gêlo, não dera o corpo ao manifesto em festas do corpo diplomatico, e positivamente achava-se plenipotenciario deante dessa deliciosa pequena, que tinha nos olhos um tal «laissez-passer», que o fazia passar além de todas as fronteiras...

Uma noite, depois da alta rapioca dos «grill-rooms» e do «vudrouille» nocturno, Barnabé, exausto, recolheu a penates. Ela tinha-lhe pedido, entre o escabecear dos ultimos «fox-trots», para ele lhe passar uma autorisação sila bancaria, e num longo beijo, Barnabé prometeu.

* * *

Na manhã seguinte, ainda bocejando, Barnabé foi á Chancelaria. A prisão dos maritimos tinha caido mal.

Resoluto, Barnabé escreveu para Lisboa, em resposta sobre as grã-cruzes.

Legação de Portugal

Situação fria. O entusiasmo está muito murcho. Quando muito, uma, pequena. Mande sempre! Teu

Barnabé.

Mas logo se alegrou. O mordomo assomara á porta com uma cartinha rosa palido. Era de Bobinne. Insistia no pedido da massa, coitadinha!

—Vá, não se faça exquisito, estes bolinhos são só ôvo e amendoa, não fazem mal...

Logo Barnabé, com o seu mais terno cursivo, escreveu:

Legação de Portugal

Concedido. Tudo o que tu quizeres. E só pedires. Teu

Barnabé

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Mendes Cabeçadas

Um grande coração de marinheiro, generoso, leal e bom. Quiz transigir, para poupar — e não foi possivel poupa-lo a êle. Não tem o odio de ninguem. Representa a corrente sentimental no meio da tempestade das paixões.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.